

MÁSCARAS LINGUÍSTICAS: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA OS ESTUDOS DE ATITUDES LINGUÍSTICAS

Mikaylson Rocha da Silva

1. INTRODUÇÃO

A sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico a partir de um ponto de vista sociológico e que leva em conta a inter-relação língua e sociedade. Desse modo, estudos variacionistas têm como premissa básica os fatores sociais e linguísticos, como: idade, sexo/gênero, tempo de residência, contexto fonológico e tantos outros condicionares. Os estudos sociolinguísticos se constituem como um campo de pesquisa que visa compreender a língua e sua relação com a sociedade e a cultura. Essas relações podem se configurar em três direções: a influência da sociedade na língua; a variação de fenômenos socioculturais e linguísticos; e a influência da língua na sociedade.

Levamos em consideração que as manifestações de atitudes linguísticas fazem da língua um *objeto de discurso público*, conforme explana Schlieben-Lange (1993), e que essas manifestações (negativas ou positivas) são condicionadas por *máscaras linguísticas* – conceitos criados por nós neste trabalho –, as quais conduzem o julgamento de atitudes. Diante disso, Lucchesi (2015, p. 35) afirma que “a avaliação social reforça o valor simbólico das diferenças linguísticas”, o que implica diretamente o comportamento dos falantes e, por conseguinte, a

utilização objetiva e subjetiva da língua. Dessa maneira, a avaliação linguística é, por muitas vezes, considerada uma forma simbólica de *discurso público sobre a língua*, o que muitas vezes (des)legitima o comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou de variedades em si.

As máscaras linguísticas são estratégias que levam os falantes a associarem diversos estereótipos ao campo linguístico, e essas associações são, por vezes, conscientes e, por outras, inconscientes. Conforme sugere Silva (2016), os estereótipos linguísticos são alimentados por outros estereótipos e podem ter ou não uma relação direta com a língua.

Para que haja a avaliação linguística, é também necessário que exista a consciência perceptiva sobre aspectos linguísticos variacionistas de uma língua. Ao perceber, (re)agir e avaliar determinados aspectos variáveis de uma língua, o falante não precisa necessariamente ter a consciência sobre a relevância de sua atitude com relação ao fenômeno linguístico, mas, ao perceber as diferenças linguísticas, categorizá-las e avaliá-las, torna-se responsável ao maximizar padrões de “crenças” em determinados fenômenos linguísticos. Assim, podemos dizer que a avaliação linguística é um percurso para a (des)construção de determinados estereótipos de fala que precedem às capacidades de discriminação e categorização linguísticas.

Diante disto, coadunamo-nos com a ideia de que, ao existirem formas estigmatizadas de falar, os sujeitos são impulsionados a utilizar estratégias que minimizem a desaprovação social (as quais chamamos de *máscaras linguísticas*) para julgar o seu interlocutor a partir de perfis sociais “condizentes” com o estereótipo de fala apresentado. Dessa forma, as máscaras linguísticas, por serem estratégias de categorização dos falares, são formas mais acessíveis de serem identificadas nas manifestações de atitudes linguísticas, pois trazem uma caracterização linguística que, mesmo sendo por vezes estereotipada, caricaturada e/ou preconceituosa, legitima o julgamento linguístico a partir de outros estereótipos socioculturais, profissionais, regionais etc. Isto é, os sujeitos, ao avaliarem determinados padrões linguísticos, também acabam associando as formas linguísticas às categorias sociolinguísticas, como: raça, sexo/gênero, etnia, origem, aspectos regionais e socioeconômicos, escolaridade e profissão esperada.

2. ATITUDES LINGUÍSTICAS: ALGUNS CONCEITOS

Os estudos em atitudes linguísticas se tornaram cada vez mais relevantes, pois, como bem afirmam Lambert (1967), Coupland (2007), Giles *et al.* (1982), Giles (1991) e Fernández (1998), as atitudes são consideradas como aspectos

psicossociais expressos pelo indivíduo de maneira positiva ou negativa e que podem influenciar no processo de convergência ou divergência linguística. A ciência que se ocupa desses aspectos teóricos de atitudes é a *sociopsicologia*. No entanto, na sociolinguística, as atitudes são tomadas como parâmetros explicativos de análise do comportamento linguístico vinculado a variantes específicas de uma variedade.

Considerando as atitudes dialetais como expressão da substância social em resposta às variações de uma língua, Lambert (1967) acredita que determinados padrões de uma língua estão imbuídos de estereótipos de fala. Nesse caso, os falantes percebem, avaliam e julgam determinado comportamento linguístico tendo como base os valores estigmatizados social e culturalmente.

Para Kaufmann (2011, p. 122), a atitude linguística “é um estado mental de prontidão organizado a partir de experiências e exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todas as situações ali envolvidas”. Assim, compreendemos que as atitudes são uma espécie de disposição para reagir favorável ou desfavoravelmente a uma situação dialógica que pode influenciar comportamentos positivos ou negativos quanto à língua.

Posto isso, é necessário afirmar que os estudos de atitudes não podem ser tomados como explicações generalizadas sobre determinado comportamento linguístico. Eles podem prever uma correlação entre o objeto que se pretende estudar e padrões gerais do comportamento linguístico. Isto é, a relação entre atitude e comportamento só é compatível quando se avalia a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, mas não a relação atitudinal quanto à meta que se pretende investigar do comportamento (Kaufmann, 2011).

Para Kaufmann (2011), a incoerência entre o objeto de atitudes e um determinado comportamento pode gerar alguns *insights* para explicar a variação em determinada comunidade de fala. A autora ainda ressalta que “apesar de normalmente se assumir que as atitudes preveem o comportamento social (...) parece haver uma lacuna entre o que as pessoas dizem (suas atitudes expressas) e o que fazem (comportamento linguístico)” (Kaufmann, 2011, p. 125).

Outro parâmetro relevante a se considerar nesta pesquisa diz respeito à maneira com que a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística, isto é, em que as crenças acerca do prestígio social atribuído a uma variedade linguística podem ser representadas por atitudes positivas. Segundo Bourdieu (1999a), quanto mais plural for o conhecimento cultural e social e quanto mais interação houver nas distintas instituições sociais, menor será o preconceito linguístico.

Se levarmos em consideração a consciência sociolinguística como parte integrante da competência linguística, a repercussão de juízos de valor será amenizada pela consciência social coletiva; portanto, determinados comportamentos estereotipados e preconceituosos poderão ser também controlados ou amenizados. Dito isso, quanto maior for o mercado linguístico, ou seja, o trânsito desses falantes entre comunidades de fala diferentes, maior será a possibilidade de os colaboradores em uma pesquisa sociolinguística entenderem que não há falares “agramaticais”.

3. DIMENSÕES DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

A grande discussão teórico-metodológica em torno das atitudes no cenário da sociolinguística está quase sempre vinculada à maneira com que são obtidas e acessadas as atitudes. Segundo Lopes (2012, p. 20), a sociolinguística tem muito interesse no nível social, regional e étnico da variação e pouco interesse na forma com que a variação é percebida, processada e codificada pelo ouvinte. Por outro lado, a variabilidade da fala quase nunca é pensada nas suas duas interfaces – a partir de quem produz e de quem percebe.

Alguns questionamentos são comumente feitos nos estudos das atitudes linguísticas, como: como os ouvintes utilizam as informações de um sinal de voz para identificar a origem de um locutor? Quais os tipos de informação que ajudam a codificar que um falante é de um dialeto? Como essa informação é usada na percepção de fala e no processamento da linguagem? Como a experiência linguística com falantes de vários dialetos afeta a capacidade do ouvinte de discriminar, identificar ou descrever as variedades linguísticas diferentes? (Lopes, 2012).

Esses questionamentos são basilares para que possamos compreender o fenômeno das atitudes linguísticas como respostas de sentimentos e de avaliação em relação à maneira como os sujeitos se organizam no universo linguístico. Também observamos que estes questionamentos foram fundamentais para que se compreendessem as atitudes como um fenômeno interdependente da consciência dialetal, social e cultural, da percepção dialetológica e, portanto, da *competência dialetal* – atribuída aqui como uma capacidade linguístico-perceptiva subordinada à discriminação, manipulação e ativação de conhecimento metalinguístico, consequentemente orientando um determinado comportamento linguístico (Lopes, 2012).

De modo geral, a maior parte dos estudos em percepção de dialetos teve como objetivo a compreensão sobre a capacidade humana em categorizar dialetos a partir da identificação regional, de etnia, sexo/gênero, classe social, comunidades

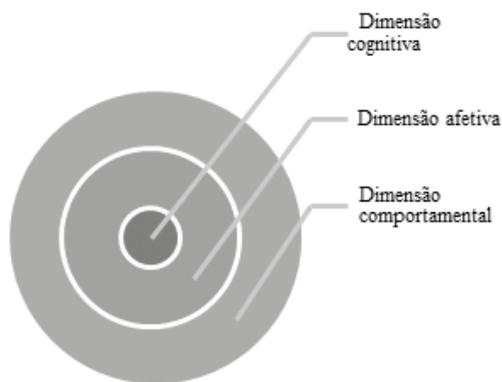
de prática e estudos em acomodação dialetal (Niedzielski, 1999; Clopper; Pisoni 2004; Garrett, 2010).

Por muitos anos, foram elaboradas metodologias experimentais para o estudo da percepção de fala, que teve início com os estudos de Preston (1989), com a técnica *Matched Guise*. Outros métodos também foram importantes no avanço dos estudos das atitudes, como a imitação dialetal proposta por Markham (1999) e as tarefas de categorização e identificação dialetal propostas por Clopper e Pisoni (2004), entre outros métodos.

Por outro lado, os estudos em abordagem direta têm acesso direto às atitudes a partir de uma metodologia comparativa entre o que se “fala e avalia” e o que se “produz”. Isto é, na assunção dos estudos diretos, o falante tem mais ou menos consciência sobre o que está sendo perguntado. Enquanto nos estudos de abordagem indireta os colaboradores não têm consciência sobre o que está sendo avaliado, há também menos estratégias de minimizar a deseabilidade e a concordância social. Os aspectos sobre crenças, estereótipos e preconceitos linguísticos são avaliados a partir de tarefa força, mas, por outro lado, quase não há espontaneidade de fala.

Com relação às dimensões das atitudes linguísticas, Lambert (1967) propõe a seguinte divisão:

Figura 2.1 – Dimensões das atitudes linguística



Fonte: Lambert (1967, p. 98).

De modo geral, segundo Lambert (1967), as atitudes possuem três níveis básicos de funcionamento, como mostra a Figura 2.1. O nível primário, também chamado de nível cognitivo, é o mais próximo do estímulo recebido pelo ouvinte, pois é nele que estão as condições neurobiológicas subjacentes à capacidade cognitiva que o indivíduo tem para memorizar, contrastar, perceber e discriminar

um dado linguístico. É nesse nível cognitivo que encontramos o psiquismo na linguagem, isto é, é nele que se constroem a consciência linguística e o ramo axiológico. Dessa forma, nele encontramos as formas mais primárias de valores e de estereótipos de fala.

O segundo nível é o campo afetivo, que, para Lambert (1967), está inter-relacionado e de certa forma amalgamado ao campo primário. Nesse segundo nível, encontram-se as atribuições de valor a partir das emoções atribuídas (in) conscientemente ao campo cognitivo. Ou seja, ao ouvir um registro linguístico que remonte a um pensamento desagradável, o sujeito está atribuindo emoções à consciência linguística que tem sobre determinada variedade. Nesse nível, o sujeito faz especulações valorativas acerca da língua, como a atribuição de um falar “correto” “agradável”, “caipira”, “favelado”, “pobre”, “rico” etc. De certa forma, podemos dizer que o nível afetivo é estimulado e retroalimentado pelo campo primário.

Segundo Lambert (1967), o terceiro nível das atitudes linguísticas diz respeito à dimensão comportamental. Dito isto, nos estudos de abordagem direta, o comportamento é a materialização da fala, isto é, a produção em si. Contudo, em estudos de abordagem indireta, o comportamento é a avaliação linguística por meio das atividades de tarefa forçada (experimento em percepção linguística) para a obtenção dos dados em atitudes. Para concluir esta seção, podemos compreender esse nível de duas formas. Dessa forma, muitas vezes o nível comportamental é a maior prova de influência das atitudes para uma escolha linguística. Por outro lado, nas pesquisas numa abordagem indireta, o julgamento de atitudes pode ser acessado a partir de um material de fala, seja ele sobre a consciência dialetal, a categorização de dialetos, a imitação de dialetos ou até mesmo a partir de registros de fala com suavização de sotaque nos estilos da comunicação social, conforme avaliamos a partir dos dados presentes nos estudos de Clopper e Pisoni (2004) e Lopes (2012).

4. MÁSCARAS LINGUÍSTICAS: UM BREVE OLHAR CONCEITUAL

Labov (1972) atenta-se para o fato de que as crenças linguísticas de um grupo são um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo integrante do grupo. O autor também compreende que as crenças formam outros tipos de grupos de crenças cognitivas maiores: “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (Labov, 1972, p. 176). Assim, as crenças são construções sociais e culturais que orientam

e impulsionam as atitudes linguísticas, as quais são responsáveis por um conjunto de sentimentos, reações e sensações a determinados grupos, problemas sociais, ambiente, música, enfim qualquer representação sociocultural (Lambert, 1967).

O papel da sociolinguística variacionista é compreender os fenômenos linguísticos, da variação à forma, da relação sujeito-comportamento a sua relação com a sociedade. A maior preocupação dos pesquisadores sociolinguistas é compreender um mundo rodeado de formas, mudanças e diversidades linguísticas. Acreditamos, assim como Bagno (2000, p. 73), que “uma língua ou variedade de uma língua vale o que valem seus falantes”.

Quando as crenças orientam o falante a escolher uma variante em detrimento de outra, podemos imaginar que ele reconhece as duas ou mais formas de falar, ou tem consciência sociolinguística, o que implica em uma consciência social elevada, de modo que ele opta por usar essas variantes mais prestigiosas a fim de se elevar socialmente.

Podemos também chamar de *máscaras linguísticas* a maneira pela qual o atributo valorativo linguístico que o falante faz no julgamento de atitudes direciona a mente do falante a buscar parâmetros, referências, isto é, estereótipos consolidados sobre a língua e as expectativas criadas pelo usuário da língua. Esse atributo é também variável e passível de reavaliação, pois devemos levar em conta que o sujeito está sob constante vigilância social. Ou seja, o falante utiliza estratégias linguísticas que expõem ou omitem determinados juízos de valor sobre determinados fenômenos da linguagem.

Assim, observamos que as *máscaras linguísticas* são condicionadas por uma relação entre: um tipo de fala, que pode ser uma fala estigmatizada ou considerada prestigiosa, e a sua relação com um perfil social “condizente” com o que as pessoas esperam de determinado falar. Em outras palavras, *um falar estigmatizado está quase sempre associado a alguns perfis sociais estigmatizados*, enquanto um falar de prestígio está quase sempre vinculado a condutas e a perfis sociais de maior *status*.

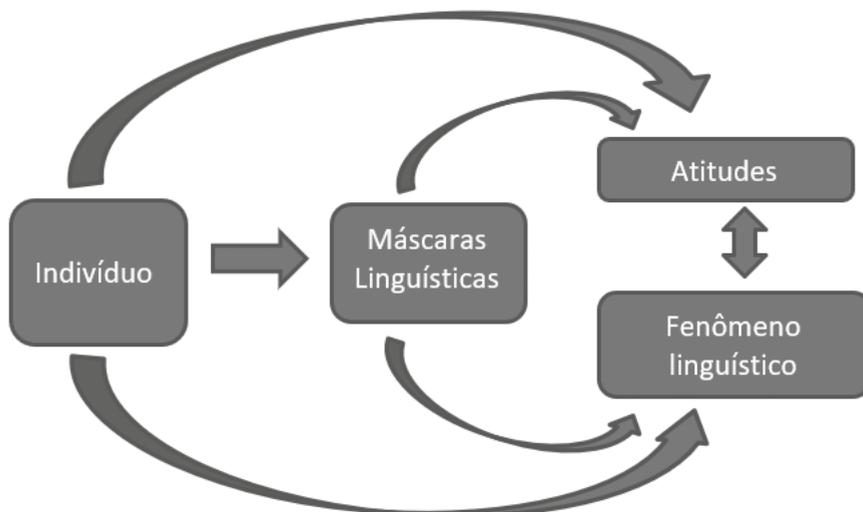
Ao categorizar e avaliar um material de fala de um grupo de pessoas nativas de um dialeto socialmente “desprovido” do prestígio linguístico, o falante pode inter-relacionar o objeto de avaliação, nesse caso aspectos dialetais, a determinados perfis sociais em que as expectativas sociais são extremamente baixas, como: atributo regional, profissional ou socioeconômico. Por exemplo:

- Colaborador Paulista: “O falar paulista é ótimo... correto! (...) Não gostaria que alguém me imitasse porque falo bem. A nossa fala é a mais desenvolvida, assim como o nosso estado (SP).” (Moralis, 2004, p. 58).

O estímulo dado por Moralis foi apenas de qualificar, ou seja, de julgar os falares dos migrantes que compõem a região do Alto do Araguaia (MT) a partir de expressões como “bacana”, “pouco bacana” e “muito bacana”. Porém, o falante não só fez uma avaliação linguística positiva do dialeto materno, como podemos observar nas expressões “correto” e “ótimo” a forma como também imprime e não aceita atitudes linguísticas negativas quanto ao próprio dialeto. Ao mencionar que o dialeto materno é o “mais evoluído”, o falante coloca a sua maneira de falar como a “universal” entre as variedades do PB (Português Brasileiro), ao mesmo tempo que coloca os demais migrantes da região e os seus falares como sendo “específicos” e, portanto, subordinados ao mais correto – o falar paulista.

Quanto à *máscara linguística* utilizada nesse depoimento, observamos que é a de identificação *socioeconômica*, pois o colaborador justifica a sua autoavaliação linguística positiva com base na crença de que, por São Paulo ser um estado economicamente rico, automaticamente faz do seu falar uma forma “nobre” e, portanto, “correta”. A *máscara linguística* é uma maneira estratégica pela qual legitimamos as nossas avaliações por meio de palavras e conseguimos associar estereótipos e preconceitos. Austin (1962) discute em sua obra *How to Do Things With Words* (Como fazer coisas com palavras) como os seres humanos utilizam-se da linguagem não apenas para nomear as coisas, mas para provocar efeitos de sentido nas interações e para afirmar verdades a partir da localização sujeito-interlocutor.

Figura 2.2 – Percurso entre forma linguística, atitudes e máscara linguística



Fonte: autor.

Na Figura 2.2, propomo-nos a observar o uso das máscaras linguísticas nos estudos de atitudes. Antes de tudo, temos o indivíduo submetido a um estímulo ou a uma entrevista sociolinguística. Em seguida este falante/ouvinte manifestará atitudes linguísticas com relação a algum fenômeno da língua, seja fonético-fonológico, lexical, morfológico, aspectos do repertório discursivo ou questões suprasegmentais, como prosódia, ritmo, *pitch* etc.

O falante, ao manifestar atitudes linguísticas, também pode usar as *máscaras linguísticas* a fim de desnudar a face do Outro² ou a própria face, ou seja, o sujeito, ao manifestar atitudes negativas quanto ao dialeto do seu interlocutor, também se compromete em proteger o próprio dialeto. Salientamos que, conforme mostra a Figura 2.1, o indivíduo pode, antes de começar a manifestar as atitudes linguísticas, utilizar as *máscaras linguísticas* e só depois julgar o objeto de avaliação.

No que diz respeito à maneira com que o sujeito sente, reage e avalia determinados aspectos linguísticos, podemos dizer que as atitudes e a consciência linguística funcionam conjuntamente em relação às expectativas que os indivíduos têm sobre o comportamento linguístico em determinadas esferas sociais. Dessa

² Nesta pesquisa, o *Outro* se refere à necessidade de se compreender o interlocutor a partir do exercício da alteridade. Bhabha (1990) argumenta que esse exercício se dá a partir da localização de microculturas, dentro do que o autor chama de *Local da Cultura* (*location of culture*).

maneira, a língua é tida como um objeto de construção de discursos cotidianos, os quais associam diferentes tipos de estereótipos socioculturais às formas linguísticas.

As *máscaras linguísticas* podem ser identificadas a partir de trabalhos que se encaixem em uma abordagem direta, ou seja, em uma abordagem que visa obter dados de atitudes linguísticas a partir da reflexão metalinguística espontânea, como é o caso das entrevistas sociolinguísticas. O meio de acesso a essas *máscaras* em trabalhos nessa abordagem se dá basicamente por meio de questionários, entrevistas, ensaios e observações etnográficas, conversas, diálogos etc. Nessa abordagem, o foco é enxergar a língua como *objeto de discurso público*, ou seja, se as técnicas utilizadas dizem respeito ao próprio objeto de investigação – a língua enquanto discurso público. Dessa forma, as atitudes linguísticas, assim como as *máscaras linguísticas* (na abordagem direta), visam compreender os mecanismos de julgamento, sentimento e comportamento da produção linguística.

5. MÁSCARAS LINGUÍSTICAS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS A PARTIR DE ESTUDOS ATITUDINAIS

Moralis (2000) observou a construção das atitudes linguísticas acerca da língua enquanto objeto de discurso público a partir das manifestações de atitudes dos migrantes que compõem a comunidade do Alto de Araguaia (MT). Nesse estudo, os colaboradores tinham que avaliar os falares de contato que contribuíram para a formação da região, estando entre eles os dialetos: nativo (araguaense), goiano, baiano, paulistano, gaúcho e mineiro. Os respondentes tiveram como estímulo para a *produção do discurso público sobre a língua* os seguintes atributos linguísticos: “bacana”, “muito bacana”, “menos bacana”, “agradável” e “desagradável”.

Outro aspecto importante da escolha da cidade do Alto do Araguaia (MT) é o fato de que os falantes nativos dessa região não se identificam com o falar mais comum que se tem no dialeto do Mato Grosso, isto é, o sotaque presente em boa parte da capital (Cuiabá). Os araguaenses têm um sentimento de pertencimento muito particular com os goianos, sobretudo com os falantes do município de Santa Rita do Araguaia (GO). Para os araguaenses, o falar deles é “único” visto que a comunidade traz na sua própria formação histórica uma mistura linguística de vários falares.

Quando perguntados se poderiam dar exemplos que marcam o próprio falar, os informantes araguaenses reconhecem a representação do seu falar em relação à dissemelhança do falar mais próximo ao deles – o falar goiano: “é muito parecido

com o falar goiano (...) é normal como o goiano (...) o falar araguaense é ótimo (JSMN – Político)” (Moralis, 2000, p. 7).

Como percebemos na fala do comerciante araguaense, anterior ao julgamento da atitude positiva quanto ao falar da comunidade, o respondente nativo usa uma *máscara de identificação regional* como forma de se aproximar de um dialeto de outra comunidade de fala maior territorial e economicamente e mais conhecida nacionalmente. Foi uma forma de *agir positivamente* quanto ao próprio dialeto, mas, para isso, foi necessário utilizar uma *máscara de identificação regional* para se aproximar do falar de outra região – o dialeto goiano.

Ao fazer uso da expressão “normal como o goiano”, o falante usa a máscara linguística para fazer o julgamento de atitude do “o falar araguaense é ótimo”, que pode ser visto como mais uma *máscara de identificação regional*. Diante disso, a fala do informante tem a intenção de direcionar o julgamento para aproximar o interlocutor a conhecê-lo a partir do pressuposto de que sua fala é semelhante à forma com que se fala na comunidade de fala vizinha, a qual é maior, tanto fisicamente quanto em termos de população. Essa *máscara linguística* é uma estratégia que objetiva diminuir qualquer traço de estereótipo linguístico que recaia ao falar da comunidade, uma vez que o falar local é “tão normal como o falar do estado de Goiás”.

No trabalho de Alves (1979), uma das primeiras pesquisas em atitudes linguísticas no Brasil, a autora investigou as atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo. Em linhas gerais, ela buscou compreender as tendências nas atitudes linguísticas que nordestinos residentes em São Paulo tinham com relação às variedades linguísticas nativas e paulistas.

Assim, de modo geral, foi observado que os falantes com nível socioeconômico mais baixo tendiam a manifestar mais atitudes positivas com relação ao falar paulista do que com relação ao falar de origem. Por outro lado, os respondentes com nível socioeconômico mais alto tendiam a apresentar atitudes positivas com relação ao falar nativo e tinham pouca tendência a elogiar o falar de contato.

Antes de avaliar o falar paulista, um dos falantes menciona a sua frustração com a cidade ao dizer:

“meu primeiro contato [com São Paulo] foi desagradável. Uma loucura. Um turbilhão de muito mau gosto: o burburinho, a confusão, o barulho, o cinzento, a incomunicabilidade. Me senti oprimido, pensei em sair daqui o quanto antes” (Alves, 1979, p. 102).

Outro colaborador, dessa vez do grupo de falantes com nível socioeconômico baixo, manifesta atitudes positivas com relação ao falar paulista e, dessa

maneira, também utiliza uma *máscara linguística de identificação regional*: “falam diferente da minha terra, Eu gostaria de aprender o falar daqui (...) é um falar bastante educado, gentil em tudo”. Ele também diz que “falam mais bonito e parece que é mais certo. Eu gosto do jeito de falar daqui”. E, para finalizar o discurso público sobre os dialetos de contato, o mesmo falante acredita ser o modo como as pessoas falam em São Paulo “mais adiantado e, por isso, falam mais bonito que em Pernambuco”, que faz o dialeto de contato ter essa “beleza” linguística (Alves, 1979, p. 92).

As atitudes positivas manifestadas pelos falantes do nível socioeconômico mais baixo revelam que há uma consciência de grandiosidade nas formas linguísticas associadas às cidades maiores, mais desenvolvidas, mais modernas, com mais acesso às multiculturas. Em outras palavras, por São Paulo ser uma cidade cosmopolita e com uma população maior, são fatores que fazem com que o falante acredite haver uma relação entre falares mais “atrasados” e “adiantados”, “modernos” e “arcaicos”, “bonitos” e “feios”, “arrastados” e “suaves/limpos”.

Ainda com relação aos dados de atitudes da pesquisa de Alves (1979), observamos outro exemplo de manifestação de atitudes positivas com relação ao falar paulista a partir da *máscara de identificação regional*, como em: “o paulista fala bem (...) quem mora aqui fala muito bem”, e o falante continua: “é bonito e todo pernambucano gosta daqui” (Alves, 1979, p. 116). O falar “bem” do paulista é mais uma vez justificado pela crença de que a região é responsável pelo falar correto de seus cidadãos, que também é compreendido quando o falante diz que “quem mora aqui fala bem”, ou seja, é possível que um migrante também comece a falar “bem” morando em São Paulo, pois para ele, ao morar nessa cidade, o indivíduo começa a falar bem.

Uma situação de utilização de *máscara de identificação regional* parecida com essa que ocorreu no trabalho de Alves (1979) também se encontra presente na pesquisa de Silva (2016), que investigou as atitudes linguísticas de falantes paraibanos residentes em São Paulo. Em uma das perguntas, o pesquisador buscou compreender se o respondente já havia mudado a sua fala para ser aceito pelos paulistas e se ele gostava do falar paulista. Essas perguntas foram feitas na intenção de capturar pistas de atitudes que coadunassem com os dados de acomodação dialetal resultantes da própria pesquisa.

Nos dados de atitudes, um colaborador, apesar de dizer que nunca precisou mudar sua maneira de falar para ser aceito, manifesta atitudes negativas com relação ao dialeto nativo (paraibano). Em um dos trechos, ele diz: “(...) acho linda

a forma de falar *aqui*, acho suave e o sotaque não é tão ‘aperreado’ como o de *vocês de lá*” (Silva, 2016, p. 88).

Apesar de não mencionar explicitamente a região Nordeste nem o estado da Paraíba, a utilização do pronome dêitico social “vocês” já sinaliza o fato de que todos os paraibanos, incluindo o entrevistador, têm um dialeto “caótico”, “não suave”, “aperreado”. Observamos que a utilização do advérbio de lugar “lá” caracteriza a fala do informante a partir de uma avaliação linguística negativa em relação ao povo da Paraíba, que para ele é visto como um povo que tem o sotaque “aperreado”, ou seja, “caótico” e “errado”.

O uso da *máscara linguística de identificação regional* também é uma estratégia que o colaborador usou para se distanciar da forma com que os falantes que residem na Paraíba têm de falar. Por outro lado, como a avaliação linguística é marcada pelo contraste de identificação ou de diferença a partir do Outro, o falar paulista é visto como um sotaque “suave” e, portanto, “não caótico” e não “aperreado”, diferentemente de como as pessoas da Paraíba falam. Assim, o falante não assume ter passado por qualquer constrangimento por ser paraibano, mas não se coloca discursivamente junto daqueles que apresentam um “sotaque aperreado”.

Nas pesquisas de Moralis (2000, 2004), em um dos momentos em que foi pedido aos migrantes que avaliassem alguns dialetos de contato na região do Alto do Araguaia, um dos falantes julgou a produção do /r/ retroflexo do falar paulistano da seguinte maneira: “(...) Esse erre não é bacana (...) interior (...) um fazendeiro (...) caipira” (Moralis, 2004, p. 80). Assim, apesar de o falar paulista ter sido bem avaliado social, cultural, político e linguisticamente em quase todas as situações de avaliação linguística (quando comparado aos demais dialetos em contato), observamos que a avaliação linguística negativa se deu no aspecto fonológico mais rechaçado que compõe o falar comum a maior parte dos interiores do estado de São Paulo. Entre todas as *máscaras linguísticas* utilizadas, observamos que a vibrante /r/ retroflexa, tanto no estudo de Moralis (2000) quanto nos estudos de Leite (2004, 2015), Amaral (1982), Castro (2006) etc., esteve quase sempre relacionada ao desprestígio profissional que se espera de um falante que a realize.

Assim, observamos que o julgamento do segmento /r/ retroflexo está basicamente associado ao estereótipo da fala profissional que os ouvintes acreditam que melhor exemplifica tal sotaque. Dessa forma, percebemos que a manifestação de atitudes presente na fala do colaborador está associada à *máscara linguística de identificação profissional*, como podemos observar a partir da escolha das palavras “fazendeiro” e “caipira”.

Diante dessa discussão, salientamos que não podemos conceber as *máscaras linguísticas* de forma separada ou estandardizada, mas como formas relativamente estáveis para a composição do julgamento linguístico. Assim, como a ocupação profissional está diretamente relacionada ao nível de escolarização e de posição socioeconômica na sociedade, acreditamos que a consciência dialetal em avaliar determinado padrão linguístico é elástica o suficiente para adaptar essas condições de avaliação ao seu interlocutor.

O mesmo grupo de falantes agropecuaristas foi avaliado por outros falantes e durante a fala dos respondentes (em relação aos agropecuaristas) é possível detectar um discurso de avaliação que visa adaptar o comportamento de avaliação conforme o sujeito e a situação. Por exemplo, temos a seguinte fala: “a maneira que falo com um vaqueiro é diferente da maneira que falo com quem vai comprar gado (MM - BA)” (Moralis, 2000, p. 64). Ainda de acordo com esse informante, a avaliação é determinada por uma série de fatores que implicam o comportamento do interlocutor. Assim, a maneira como nos dirigimos ao Outro é, segundo ele, marcada pela situação, pela profissão e pela condição socioeconômica: “(...) cada pessoa você trata de acordo com a situação (...)” (Moralis, 2000, p. 65).

Ao fazerem juízo de valor sobre aspectos linguísticos, os participantes dessa pesquisa também constroem relativismos linguísticos baseados em preceitos socioculturais. Dito isto, Rocha (1984) afirma que o ego etnocêntrico funciona como um espaço formado por combinações de estereótipos culturais, e acreditamos que também é assim na língua, isto é, uma *máscara linguística* pode estar inter-relacionada com outra. Coadunamo-nos com a ideia de que a língua é um espaço de organização da vida social, e esse espaço detém combinações entre diferentes formas de estereótipos, sejam eles culturais, sociais, econômicos, educacionais, políticos, religiosos etc. Diante disso, a língua é também uma dimensão da comunicação humana que absorve todas essas formas de estereótipos e preconceitos socioculturais, profissionais e socioeconômicos.

Avaliamos que também é relevante pontuar alguns aspectos presentes na pesquisa de Oushiro (2015), na qual a autora buscou compreender aspectos da pluralidade identitária a partir da produção, da avaliação e da percepção linguísticas na cidade de São Paulo. Os exemplos a seguir ilustram a associação da variante com a região da Mooca/Tatuapé e marcam o discurso popular sobre a ausência do plural nominal com o morfema *-s*.

Em um momento da entrevista, foi perguntado a um determinado informante o que ele achava da expressão “me vê dois pastel e um chopes?”. Nesse caso, a manifestação de atitudes foi precedida pela *máscara linguística de identificação*

socioeconômica: “S1: [risos] ah sei lá... ah pessoal menos instruído, né? que fala assim ne... ‘dois pastel e um chopes’... é povo mais simples, né? (Oushiro, 2015, p. 358).

Com relação à manifestação de atitudes linguísticas vinculadas à percepção e à consciência dialetal, em um momento da entrevista foi perguntado a uma informante se ela achava que a forma de falar “me vê dois pastel e um chopes” era característica de algum bairro/região da cidade de São Paulo: “Entrevistadora: E você acha que tem bairros da cidade em que as pessoas falam mais desse jeito ‘dois pastel’ e outros que falam menos? Respondente: acho!” (Oushiro, 2015, p. 349). Ela então usa a *máscara linguística de identificação socioeconômica* como prerrogativa para categorizar o falar e, assim, avaliá-lo: “S1: horrível, D1: [risos], S1: coisa mais ridícula do mundo... e... e tão comum, né, a gente escuta não só isso, mas outros erros...” (Oushiro, 2015, p. 348). Dessa forma, após avaliar o falar como sendo “ridículo” e algo “errado”, ela demonstra uma justificativa para que ocorra esse “equivoco” linguístico, a partir da *máscara linguística de identificação socioeconômica*, como em: “S1: É, acho que sim, acho que principalmente os da periferia, né? Porque infelizmente não têm acesso à educação, a escolaridade é menor (...) tem menos condições (...) então acho que isso é uma tendência.” (Oushiro, 2015, p. 351).

A mesma informante, ao fazer o julgamento negativo de atitude linguística, também utiliza a *máscara linguística de identificação socioeconômica* presente na expressão “periferia”, cujo uso está baseado na crença de que, ao não “ter acesso à educação”, é entendível que pessoas com baixo nível socioeconômico devam apresentar essa “tendência” discursiva. A atitude linguística negativa da falante, seguida da *máscara linguística*, traz em seu bojo ideológico uma representação que desconsidera as pluralidades linguísticas. Assim, seu discurso funciona como uma forma de legitimar o falar (sem a concordância nominal de morfema –s) como sendo um falar “subalterno”, “marginal” e, portanto, sem valor e credibilidade linguísticos.

6. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Expostas tais ideias, defrontamo-nos durante toda esta pesquisa com questões sociais, culturais, históricas, identitárias e socioeconômicas no que tange às atitudes e às máscaras linguísticas. Os estudos em atitudes linguísticas funcionaram como um ambiente fértil para que pudéssemos refletir e formular algumas perspectivas teóricas acerca dos fenômenos variacionistas. Assim sendo, é nesse ambiente teórico que nasce a concepção de *máscara linguística*.

Observamos que a maior parte dos estudos em atitudes linguísticas tinha como objetivo central compreender a relação atitude-comportamento a partir de estímulos linguísticos em si, mas não como uma construção de estereótipos associados. Diante disso, a elaboração do conceito de máscaras está intimamente ligada ao *juízo coletivo*, o qual leva em conta as questões socioculturais, socioeconômicas, étnicas, raciais e de sexo/gênero enquanto categorias que co-ocorrem e influenciam o julgamento linguístico como um todo. Desse modo, dizemos que o julgamento linguístico é sempre um *discurso público sobre a língua* e, nesse discurso, observamos que essas categorias extralinguísticas compõem os estereótipos que marcam uma língua, um dialeto ou até mesmo uma variante.

Por fim, observamos que as *máscaras linguísticas* podem mediar os processos de julgamento, avaliação e categorização linguísticos, assim como também podem associar estereótipos linguísticos a outros estereótipos socioculturais, socioeconômicos e profissionais. Em outras palavras, *a atitude linguística é também uma atitude sociocultural*.

7. REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1982.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: como é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1990.
- BOURDIEU, P. *¿Qué significa hablar?* Madrid: Akal, 1999a.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999b.

- CASTRO, V. S. *A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros*. 2006. 285p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- CHACON, K. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- CLOPPER, C.; PISONI, D. Some acoustic cues for the perceptual categorization of American English regional dialects. *Journal of Phonetics*, v. 32, n. 1, p. 111-140, 2004.
- COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. London: Cambridge University Press, 2007.
- FERNÁNDEZ, F. M. *Principios sociolingüísticos y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.
- GARRETT, P. *Attitudes to language*. Cardiff: Cambridge University Press, 2010.
- GILES, H. *et al.* Dimensions of welsh identity. *European Journal of Social Psychology*, v. 7, n. 1, p. 29-39, 1982.
- GILES, H. *The Contexts of Accommodation: Developments in applied sociolinguistics*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- KAUFMANN, G. Atitudes na sociolingüística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, H. *et al.* *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- LABOV, W. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 1972.
- LAMBERT, W. The social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 1, p. 91-109, 1967.
- LEITE, C. M. B. O. *Atitudes Linguísticas: A Variante Retroflexa em Foco*. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- LEITTE, C. M. B. Estudo da variação linguística dos róticos no falar campineiro. *Alfa*, São Paulo, v. 59, n.1, p.129-155, 2015.
- LIMA, I. S. *Acomodação dialetal: análise da fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Universidade da Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

LOPES, L. W. *Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

LUCCHESI, D. O contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil. In: VALENTE, André (Org.). *Unidade e Variação na Língua Portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola. p. 80-100, 2015.

MARKHAM, C. R. *Contributions towards a grammar and dictionary of Quichua*. London: Trübner & Company, 1999.

MORALIS, E. G. *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MORALIS, E. G. Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas. In: RENZO, A. M.; MORALIS, E. G.; ALMEIDA, E.; Almeida, M. I. P.; SOUZA, O. M.; BARONAS, R. L.; KARIM, T. M.; MAQUÊS, V.; SILVA, V. R. M. (Org.). *Sociedade & Discurso*. Ied. Campinas: Pontes, p. 137-147. 2004.

NIEDZIELSKI, N. The effect of social information on the phonetic perception of sociolinguistic variables. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 18, n. 1, p. 62-85, 1999.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PRESTON, D.R. *Perceptual dialectology: nonlinguistics views of areal linguistics*. Providence: Foris, 1989.

ROCHA, E. G. *O que é etnocentrismo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Campinas, SP: UNICAMP, 1993.

SILVA, M. R. *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.